

ANO X - Nº 14 - AGOSTO DE 1998

TERCEIRA IDADE



A Velhice e o Envelhecimento
na Pós Modernidade
MIKE FEATHERSTONE

A Velhice: Culturas Diversas,
Temporalidades Distintas
ELIZABETH MERCADANTE

Envelhecimento Populacional:
Desafio do Próximo Milênio
MARCELO ANTONIO SALGADO

A Universidade Aberta
Para a Terceira Idade da PUC-SP
ANTONIO JORDÃO NETO

A Cidade e o Idoso
RAQUEL ROLNIK



Publicação Técnica editada pelo SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC), Administração Regional no Estado de São Paulo - Av. Paulista, 119 - 9º andar - CEP 01311-903 - Tel. 3179-3578 São Paulo-SP. Diretor do Departamento Regional do SESC/SP: Danilo Santos de Miranda, Superintendente Técnico-Social: Joel Naimayer Padula, Gerente de Estudos e Programas da Terceira Idade: Marcelo Antonio Salgado. COMISSÃO EDITORIAL: Antonio Arroyo (Organização e Revisão), Regina Ribeiro (Organização e Revisão), José Carlos Ferrigno (Organização e Revisão), Marcelo Antonio Salgado (Coordenação). PROJETO GRÁFICO: Eron Silva. ARTE: Cristina Miras, Cristina Tobias, Eurípedis Silva, Marilu Donadelli.

Matérias para publicação podem ser enviadas para apreciação da comissão editorial, no seguinte endereço: Revista Terceira Idade - Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade (GETI) - Av. Paulista, 119 - 9º andar CEP 01311-903 - São Paulo - SP

SUMÁRIO

A VELHICE E O ENVELHECIMENTO NA PÓS-MODERNIDADE Mike Featherstone	5
A VELHICE: CULTURAS DIVERSAS, TEMPORALIDADES DISTINTAS Elizabeth Mercadante	19
ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: DESAFIO DO PRÓXIMO MILÊNIO Marcelo Antonio Salgado	31
A UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE DA PUC-SP Antonio Jordão Neto	39
A CIDADE E O IDOSO Raquel Rolnik	45



APRESENTAÇÃO

A Gerontologia, área de estudos sobre a velhice e sobre o processo do envelhecimento humano vem, sem dúvida, apresentando uma significativa evolução em nosso país. O número de profissionais interessados na pesquisa e no atendimento ao idoso é crescente. Por ser um campo multidisciplinar, a Gerontologia vem recebendo a adesão de assistentes sociais, sociólogos, psicólogos, pedagogos, médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, arquitetos, entre outros. Enfim, podemos notar que uma ampla gama de profissionais tem se especializado em cursos de Gerontologia, cada vez mais numerosos e acessíveis.

Como entidade pioneira no atendimento a pessoas da Terceira Idade, o SESC de São Paulo acompanha com muita satisfação e interesse o desenvolvimento da pesquisa gerontológica. Por isso, nos empenhamos em manter o alto nível dos artigos da revista "A Terceira Idade", convidando especialistas de reconhecido gabarito para, livremente, exporem suas

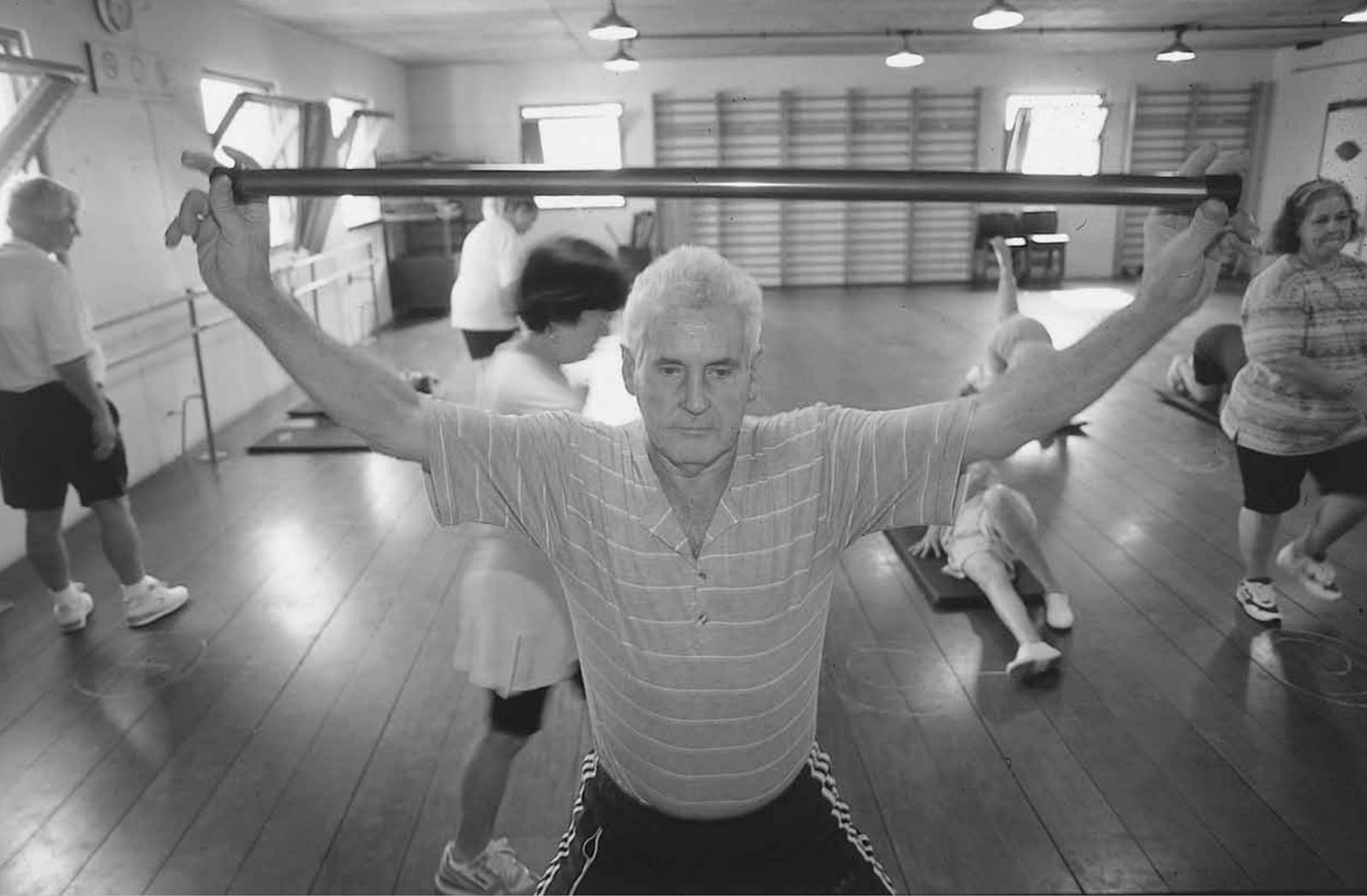
reflexões, os resultados de suas pesquisas e a análise de suas intervenções na comunidade.

Os artigos da presente edição foram elaborados a partir das transcrições de palestras do seminário "O Brasil e os Idosos", realizado pelo SESC-SP em parceria com a PUC-SP; do I Mercoseti (Encontro dos países do Mercosul sobre Terceira Idade); e do Treinamento Técnico "Cultura do Consumo e Pós-Modernidade". A nosso pedido, os autores adaptaram seus textos para torná-los compatíveis com a configuração de uma revista especializada. Por ser material de indiscutível qualidade técnica, resolvemos registrá-los devidamente, tornando-os acessíveis a todos os interessados.

Aproveitamos o ensejo, para reiterarmos que a Revista A Terceira Idade está aberta à participação daqueles que trabalham na perspectiva do desenvolvimento dos estudos sobre a Terceira Idade e, por consequência, na melhoria das condições de vida da população idosa de nosso país.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do SESC de São Paulo



A Velhice e o Envelhecimento na Pós-Modernidade

MIKE FEATHERSTONE

SOCIÓLOGO; DIRETOR DO CENTRO DE ESTUDOS DA VIDA ADULTA
DA ESCOLA DE ESTUDOS HUMANOS DA UNIVERSIDADE DE TESSIDE, NA INGLATERRA;
EDITOR DA REVISTA "THEORY, CULTURE & SOCIETY";
AUTOR DOS LIVROS "CULTURA DO CONSUMO E PÓS-MODERNISMO"
E "O DESMANCHE DA CULTURA".

Elaborando uma interessante metáfora
sobre o curso de um rio que representa o ciclo da vida,
o autor analisa as várias etapas do desenvolvimento humano
sob a ótica de diferentes culturas do passado e do presente,
do oriente e do ocidente.

Nesse contexto discute a situação dos velhos
em diversos momentos históricos,
e apresenta algumas possibilidades de "velhices pós-modernas".

Texto baseado em palestra no treinamento
"Cultura do Consumo e Pós-Modernidade",
dirigido a técnicos do SESC e realizado em Atibaia-SP, em setembro de 1995.

Como as pessoas reagem às imagens do envelhecimento? Por exemplo, que sentimentos afloram quando vemos um retrato de alguém muito velho, com o rosto muito enrugado? Sentimos admiração ou repugnância? Quando olhamos o corpo humano, a sua aparência, temos uma série de dilemas de interpretação sobre os códigos que as pessoas normalmente usam para enxergá-lo. O corpo não é uma entidade sem problemas, não é visto com precisão. Ele é percebido através de códigos culturais que estruturam nossa percepção, gosto, enfim, nossa reação a ele. Perguntamo-nos, então, ao observar essa pessoa muito envelhecida: esta imagem que observo é ou não é de bom gosto? Será que essa pessoa prefere não se olhar no espelho? Talvez, ela tenha sido alguém muito atraente há 80 anos atrás e gostasse de sua aparência. Será que ela agora acha que seu corpo a traiu, que seu rosto é uma máscara sobre si mesma? Será que ela tem um ser jovem dentro de si e tem uma mentalidade de 15 anos, trancada num corpo velho? Há uma série de perguntas interessantes para se fazer sobre o envelhecimento do corpo e sobre as mudanças que com ele ocorrem, dentro da cultura do consumo.

Afinal, o que é o envelhecimento? Heidegger disse que nascemos morrendo, isto é, que nosso fim já está à vista. Possuímos um relógio embutido dentro de nós. Podemos considerar as intervenções tecnológicas no relógio da vida e esperar

que se possa estender a duração de seu funcionamento. Podemos até achar que a própria morte, no futuro, seja superada. Mas a vida, tal qual a conhecemos, é feita por causa da morte. Como entendemos o processo da vida, do útero ao túmulo? Talvez possamos entendê-lo como um ciclo. É comum, em biologia, pensarmos no ciclo da vida. Será que os seres humanos são como os sapos? Os sapos começam como um ovo, depois como um embrião, até se transformarem em um adulto, se reproduzirem e morrerem. Será que somos assim? Será possível pensar nas fases da vida pelas quais passamos, infância, adolescência, maturidade e depois o declínio, como no caso dos sapos? Mas, diferentemente destes, o homem tem um fator complicador: além de vivermos nas três dimensões do espaço e na quarta dimensão, a do tempo, vivemos também numa quinta dimensão: a simbólica. Os seres humanos passaram por uma emancipação - o símbolo - que os distingue dos animais. Estes construíram sinais limitados, como o grito da gaivota que avisa às outras que os homens estão chegando. Mas, esse sinal não diz: "Cuidado, homens chegando"! Ele é simplesmente um alarme. Talvez a aproximação não seja de um homem, mas sim de um gato ou de um cão. Já os seres humanos, com seus símbolos, conseguem dar uma descrição muito mais elaborada do mundo em que vivem. Temos todo um conjunto de símbolos, uma verdadeira rede de símbolos

estendida sobre o mundo, de modo que é muito difícil pensar como seria o mundo sem essa cobertura. Às vezes, dizem que os seres humanos ficam presos a essa rede tecida por eles mesmos. No século XX a revolução linguística na filosofia torna claro que o nosso mundo é feito de linguagem que, para Heidegger, é a casa do nosso ser. Pelo fato dos seres humanos terem linguagem e usarem símbolos, o conhecimento do mundo, do nosso corpo e do nosso ser, tornam-se complicados.

Em decorrência dessa dimensão simbólica, o curso da vida humana tem sido subjetivo quanto à sua interpretação. Existem diferentes teorias sobre o significado da vida. No passado, especialmente para as civilizações religiosas, pensava-se no curso da vida não como um processo que vai do nascimento à morte, e, após um céu ou inferno, mas algo que se reinicia através de um novo ciclo, através da reencarnação. Portanto, para certas pessoas, o curso da vida é parte de um processo maior. Para outras, o curso da vida é visto como progresso, evolução, desenvolvimento, no qual se adquire conhecimento, além de bondade, isto é, valores morais suficientes para dar um sentido de vida melhor no outro mundo. Há outras visões como a dos românticos do século XVIII ou XIX. O poeta William Wordsworth via a criança como o estágio mais alto da vida, momento em que o mundo é muito vital, quando os sentidos são novos e se pode observar tudo

tridimensionalmente, saboreando tudo, tocando e vendo de uma forma muito vívida e real. Depois, começa o declínio e nunca mais a vida é igual, pois ela se torna mais chata, rotineira e nunca mais se recupera aquela vitalidade da infância. Portanto, o romântico está sempre olhando para trás, para os bons tempos da infância e a vida adulta nunca poderá ser comparada a essa fase. Enfim, podem ser imaginadas diferentes versões sobre o processo da vida, um círculo ou uma plataforma, crescimento ou desenvolvimento.

Uma maneira de se pensar sobre a vida pode ser comparando-a a um rio, uma metáfora interessante. O rio começa na nascente, pequeno, e vai fluindo. Um rio, é claro, só flui em uma direção. Por vezes, desejamos que esse rio da vida flua para trás, viajando pelo tempo, como em filmes como “De volta para o futuro” ou “Peggy Sue, seu passado a espera”. As pessoas dizem “seria bom voltar ao passado sabendo o que hoje eu sei”, ou “se eu tivesse um corpo jovem com essa cabeça velha, aí realmente eu desfrutaria a vida”. Infelizmente, isso não é possível. Estamos condenados ao fato da vida ser uma rua de mão única. Não dá para mudar o curso do rio. Então, pensemos na metáfora, vamos pelo rio, pedalando nosso barquinho, sem poder desviá-lo, porque seu curso é muito rápido e forte e, às vezes, a corredeira fica muito intensa em determinados momentos, como cachoeiras que podem simbolizar fases

de tempestades e de tensões na vida. Quando adultos, nosso rio se torna mais sereno; é possível remar mais devagar e chegar à velhice, onde o rio fica mais turvo, parecendo quase ir para trás, quando se tem de pedalar e remar forte. Pode ser que o rio esteja com um delta todo assoreado, como o Delta do Mississipi, cujo assoreamento é muito grande com todos aqueles atalhozinhos. Ficamos a andar em círculos, parecendo não poder chegar ao mar; e, quando desembocamos no mar, no fim de nossa metáfora, defrontamo-nos com a morte. Morremos quando chegamos ao mar. Considero uma bonita metáfora. Não penso em mim como alguém percorrendo heroicamente esse rio. Quando o percorro, penso em meus pais que já passaram antes, e que estão remando à minha frente, e em meus filhos atrás. Esses cursos de vida das pessoas são como cardumes de peixes ou revoadas de pássaros. Estamos num comboio de barcos, descendo o rio. Não estamos descendo o rio sozinhos, e sabemos que alguns já chegaram na fase seguinte antes de nós. Talvez, até gritem para nós: "Olhem a cachoeira, cuidado!" Outros, no entanto, pensam: "Não vou dizer nada, quando a catarata estiver próxima quero vê-los cair"; e riem quando alguém cai. Podemos pensar que a cachoeira simboliza um momento de transição, como a passagem da infância para a adolescência, por exemplo. Essa idéia nos aproxima das concepções da

Psicologia do Desenvolvimento.

Vejam algumas colocações dentro dessa perspectiva. Erik Erikson visualiza a vida dividida em fases. Cumprimos as tarefas relativas a uma fase, e passamos para a seguinte. Na meia-idade, segundo o autor, a tarefa é a de combater a estagnação e desenvolver o que se pode gerar nesse momento da vida. Isso pode ser verdade, porque para quem está com 50 anos, é difícil manter-se sempre motivado. Aos 20 anos, a tarefa tende a ser mais excitante, pois as pessoas querem chegar ao trabalho; mas aos 40, o sujeito pensa: "Tenho que ir novamente ao trabalho!". Nesse caso, o próprio indivíduo deve gerar motivação; talvez tenham que olhar os jovens e fazê-los sentirem-se motivados também. Portanto, cada fase da vida, e Erikson divide-a em sete, envolve uma tarefa diferente. Mas a chave comum da Psicologia do Desenvolvimento parece ser a crença na existência de um "rio universal" para todos, e veem o ser humano como se ele já tivesse algo programado dentro de si, que faz com que passemos por essas fases. É um modelo reconfortante. Será que existe só um rio? Freud, Jung, Erikson e Levinson, encontraram o rio ou acharam seu próprio rio? O importante é que, ao descermos o rio, tenhamos o seu mapa. Para o inglês o rio de referência é o Tâmsa, que atravessa a cidade de Londres. Com o mapa é possível dizer: "Aqui deve haver uma cachoeira, ali um rodamoinho..." Podemos até estar navegando



em rio errado, no Amazonas, ao invés do Tâmis. Então, pode ser perigoso termos os mapas errados para os rios de nossas vidas. Além disso, as outras pessoas podem ser gentis demais para nos dizerem que estamos navegando em rio errado; talvez achem que somos muito poderosos e sérios para poderem nos advertir.

Os acadêmicos correm o risco de generalizar ou universalizar, em demasia, determinados conceitos. Podemos falar de nossas próprias experiências,; mas é preciso movimentarmos-nos com cuidado quando tentamos relacionar nossa experiência pessoal com a da humanidade. Podemos dizer algo sobre experiências comuns, como nascer, envelhecer, morrer; mas não muito mais do que isso. Pensando ainda sobre a metáfora do sapo, do nascimento, do crescimento e da morte; talvez queiramos definir melhor as fases da vida humana: infância, adolescência, juventude, vida adulta madura, vida adulta avançada e velhice. Os historiadores, ou aqueles que lêem relatos históricos, se dão conta de que muitas dessas fases, que supomos universais, foram inventadas em determinados lugares e em momentos específicos.

Philippe Ariés nos mostra que nem sempre houve infância, embora sempre tenha havido seres humanos pequenos. Em algumas sociedades eles eram vestidos, educados, castigados e trabalhavam como adultos. Lutavam com seus pais na guerra como se fossem adultos. Eram

apenas seres menores, que sofriam mais por terem menos poder. Mas, em determinado momento histórico, a infância foi inventada. Talvez, possamos também, falar de uma invenção da adolescência. O psicólogo americano G. Stanley Hall, no fim do século XIX, inventou esse termo, adolescência, como uma fase da vida. Também podemos falar da invenção da menopausa, na França do século XVIII. A cessação do ciclo menstrual passou a ser notada, de modo diferente, a partir da criação desse conceito, que induz a mulher a dizer: "Não me sinto bem, estou com problemas". Ela sabe da existência da menopausa. Ou seja, existem diversas formas de estruturarmos nossa experiência. Já no século XX, foi criado o termo "crise da meia-idade" ou "crise dos 50". Surgiu na década de 60. É bastante novo, portanto. Conhecido nas revistas americanas, européias e brasileiras, refere-se a uma crise motivacional nesse momento da vida. Antigamente, esse comportamento seria explicado de outra maneira. Por exemplo, se o homem está cansado ou se começa a correr atrás de garotinhas, se diz: "Está na crise dos 40; são os hormônios; tem algo a ver com mudanças estruturais em sua vida; por isso, não o culpem!".

Houve, ainda, a invenção da aposentadoria, surgida no final do século XIX e que se fortaleceu neste século. Não se concebia que alguém, no final da vida, não trabalhasse. Em algumas sociedades as pessoas trabalhavam até caírem mortas.

Nas últimas décadas, temos assistido a um grande aumento da expectativa de vida, de 50 para 70 ou até 80 anos de idade. Atualmente utilizam-se termos como “jovens velhos”, para os que tem entre 60 e 75 anos, e “velhos velhos” para os que contam mais de 75 anos de vida. Através da informação e da pesquisa histórica temos a sensação de que hoje o curso da vida pode ser, de certa forma, redefinido e remapeado. As fases são quase como se fossem portões pelos quais passamos de um lado para o outro do rio. E se você está remando numa canoa, e às vezes se depara com corredeiras, o barco tem que passar por esses “portões”. Munidos das informações, que temos agora, podemos dirigir nossos barcos de modo diferente para passar pelos estágios da vida. Talvez esse percurso não seja singular; mas, quem sabe, haja vários cursos de vida com a participação de diferentes pessoas.

Em que momento da existência podemos falar, de modo mais correto, sobre a infância? Aos 20, aos 30 ou aos 40 anos? Quando se tem 60, ou quando se é criança? Não há uma visão correta deste assunto; nossa visão se modifica à medida em que passam os anos. Ou seja, nosso passado é continuamente redefinido num processo em que, sempre, lhe atribuímos novos significados. Não há como sairmos do rio. Não é possível olhá-lo de cima de uma ponte. Irremediavelmente estamos nele. A avaliação de nossas vidas depende da parte do rio

em que estivermos. Não sabemos ao certo o que teremos pela frente. Não dá para saber o que é ter 50 anos de idade, antes de completá-los. Podemos ler livros e pensar a respeito, mas é diferente quando chegamos lá. Posso pensar na minha própria experiência. Há 15 anos atrás, aos 30 anos, escrevi sobre a meia-idade. Hoje, por estar vivenciando esse período, a percebo de maneira diferente. Sartre dizia que não nos damos conta da morte; que não podemos saber o que é morrer. Podemos ler, pensar, conversar sobre isso; mas só compreenderemos esse fenômeno quando estivermos morrendo. Simone de Beauvoir dizia que a velhice é algo não realizável, algo que não entendemos até sermos velhos. Podemos até ter empatia com os que vão à frente no rio; mas não dá para saber realmente como é. Talvez, tenhamos interesse em dizer que, lá na frente, será legal, e que “mal posso esperar minha aposentadoria”. Os velhos podem nos dizer: “A velhice é muito boa, gosto dela”. Quem sabe, queiram apresentar uma imagem daquilo que querem que pensemos ser esse período; e alguns podem representar o papel da vovó simpática para as crianças, porque é isso o que as crianças esperam. Mas, quando essas pessoas estão sozinhas em seus quartos, talvez digam: “Meu Deus, que vida dura”.

Será que podemos fazer alguma declaração geral sobre o curso da vida? Vamos falar um pouco sobre as mudanças

que acontecem entre o tradicional e o moderno na sociedade. Como era a vida nas sociedades pré-modernas? Relativamente igual, ou seja, não havia muitos estágios e os que existiam não eram tão claramente demarcados. Por exemplo, as crianças tinham menos poder do que atualmente têm em relação aos adultos. Elas apanhavam mais frequentemente sem conseguir se defender muito bem. Tinham, portanto, um déficit de poder sobre seus corpos. Algumas pouquíssimas crianças podiam ter um poder imenso, como Luís XIV, rei da França, a ponto de ser tratado como adulto por seus criados e cortesãos. Também havia o caso de pessoas que não conseguiam, durante toda a vida, sair da infância, como os escravos ou os servos. No sul dos Estados Unidos, mesmo os escravos velhos eram tratados como meninos: "Come here, boy". Como eram classificados como dependentes, eram tidos como seres inferiores.

Nas sociedades modernas há muito mais tentativas para demarcar a vida, dividindo-a em estágios dentro de uma ordem cronológica. Esse procedimento tornou-se possível porque, a partir do final do século XVIII, início do século XIX, começamos a registrar, cuidadosamente, os nascimentos e os óbitos. Michel Foucault falou desse tipo de sociedade, através da qual os corpos são registrados. A ciência da demografia nos fornece um perfil de vida, registrando os corpos no que se refere a seu peso, altura e estado de saúde.

Portanto, a partir do desenvolvimento da modernidade, possuímos uma formação cronológica do curso da vida, embutida de modo muito forte em nossa percepção. Ou seja, as pessoas sabem a idade que têm e o que, em determinados momentos da vida, devem fazer. Por exemplo, aos 5, 6 ou 7 anos de idade devemos ir para a escola. Senão, alguém baterá em nossa porta e perguntará aos nossos pais porque não estamos matriculados. Quando temos 14, 15 ou 16 anos, devemos sair da escola e começar a trabalhar. Em certa idade devemos votar, casar, ter filhos. Verificamos que as pessoas se movem, através dos portões da vida, em grandes blocos, em conjuntos que chamamos de "coortes". Isso ocorre porque achamos que, dessa maneira, a vida torna-se mais organizada, regular e previsível. No Japão, temos esse curso de vida na sua forma mais extrema. Lá, se não entrarmos na universidade aos 18 ou 19 anos de idade, perdemos o barco. Teremos mais uma ou duas chances apenas; pois lá não existem estudantes mais velhos nas universidades. Em muitos lugares, uma moça de 25 anos deve estar casada, senão "fica para titia". Na Inglaterra, as pessoas dizem que essas mulheres se transformam em bolo de Natal. Ficam na prateleira, pois ninguém mais quer ver sua cara. Enfim, as pessoas têm época certa para a escola, para o trabalho, para terem filhos, netos; tudo muito previsível e organizado.

Talvez no século XX, ou pelo menos

desde os anos 60, a vida está, de certa forma, ficando mais desorganizada. O curso de vida pós-moderno pode fazer voltar algumas características ou estilos de vida. Se for introduzidas mais complexidade ou mais desordem à vida social, haverá uma nebulização das faixas etárias. As fases da existência não ficarão mais tão claras. Hoje, já não há uma transição automática que nos faça ir da escola ao trabalho. As pessoas, atualmente, podem optar por não se casar ou por ter filhos, sem se casar, ou casar sem terem filhos ou ainda terem filhos depois dos 30 anos de idade. As mulheres que trabalham fora tendem a querer filhos mais tardiamente, às vezes, recorrendo a um banco de esperma, como algumas celebridades de Hollywood. Portanto, hoje existe muito mais variedade em relação aos hábitos de vida. Dizem que a cultura americana gira em torno da família nuclear: mãe, pai e dois filhos. Mas, esse tipo de família é minoritário, algo em torno de 15%. Então, se é minoria como pode ser norma? Hoje muito mais pessoas vivem sozinhas, divorciadas, tendo um segundo casamento, possuindo duas famílias, com filhos de dois casamentos. Portanto, atualmente, há muito mais flexibilidade no comportamento que as pessoas adotam; maior possibilidade de variação; estruturas de identidade mais flexíveis para lidar com essas pessoas que estão fora do organograma. Algumas delas estão entrando na vida sem seguir esquemas antigos ou

padrões pré-estipulados. Suas biografias, construídas ativamente, seu curso de vida e o seu comportamento podem ser seguidos de variadas maneiras e em diferentes estágios da vida; podem se tornar muito mais livres. Por exemplo, mencionamos a noção da criança que se comporta como adulto e do adulto que se comporta como criança. É possível que crianças amadureçam e se comportem como pais dos próprios pais. Muitas pessoas falam do fim da infância de maneira negativa, como uma perda de um estágio protegido da vida, no qual as crianças têm medo dos perigos da vida adulta; não possuindo, portanto, aquela atitude de um Tom Sawyer ou Huck Finn, personagens de Mark Twain, ou mesmo do famoso Peter Pan, que podiam brincar despreocupadamente. É possível também que os adultos possam ser mais espontâneos, mais infantís, frequentando parques temáticos, como a Disneylândia. Pais diferentes, portanto, dos pais vitorianos, conhecidos por "fathers". Antigamente, chamava-se o pai de "senhor" com mais frequência do que hoje. Em nossos dias, fala-se em adolescentização. Na Califórnia, em certos grupos, as pessoas vivem a vida como se ela fosse uma eterna adolescência. Hoje, podemos ter as mesmas excitações pelas mudanças de relacionamentos e os mesmos questionamentos e intimidades com as pessoas. Antigamente, isso era coisa ligada exclusivamente à juventude; mas agora, podem estar presentes em qual-

quer fase da vida. Isso pode perturbar um adolescente de 15 anos, que vê seus pais vestidos como ele e, com os mesmos problemas de identidade. Talvez preferissem que eles fossem vitorianos, tradicionais, para serem por eles aconselhados, ao invés de enchê-los de dúvidas.

No curso de vida pós-moderno, também temos mudanças no estágio final da vida. As pessoas mais velhas estão diferentes. Doenças que só aconteciam na velhice, como a demência senil, não são mais exclusivas da idade avançada; podem acontecer em qualquer fase. Um exemplo surpreendente é a campanha do governo, fazendo propaganda para a Terceira Idade ficar mais divertida; tinham uns broches com um coração vermelho, como o do "I love New York" ou "I love São Paulo", com a inscrição "Eu amo (expresso através de um desenho representando o coração) a continência"; porque incontinência é a incapacidade de prender a urina, um estigma para a pessoa mais velha. Esses broches eram um indicativo de que as pessoas com continência ou incontinência não são necessariamente velhas, já que esses problemas podem acontecer em qualquer idade. A doença de Alzheimer e outras não são mais exclusivas da idade mais adiantada. A primeira parte da Terceira Idade tem uma fase de aposentadoria ativa, onde se exploram diversos estilos de vida e de consumo.

Ao refletirmos sobre os efeitos do envelhecimento físico sobre a imagem

corporal, perguntamo-nos se existe alguma maneira de evitar certos aspectos. Ou será que só podemos mudar nossa atitude frente a um corpo e a um rosto envelhecido? Um dos problemas do envelhecimento é que existe a chamada "máscara da idade". Isso já foi descrito na literatura, ou seja, as pessoas relacionam-se umas com as outras a partir do aspecto do rosto, lhe atribuindo coisas pela sua aparência. Quando um mulher bonita pede dinheiro para um telefonema, todos contribuem; mas, com uma mulher velha e feia, não é assim. Sabemos, através da pesquisa psicológica, que a inteligência, frequentemente, é associada à beleza. Dentro de uma cultura de consumo, pragmática, não é surpreendente que as pessoas prestem mais atenção ao seu aspecto, porque ele é uma forma de dar poder. Podemos cuidar de nossa aparência, como as estrelas do cinema Mae West ou Joan Collins. Em "Dinasty" a câmera nunca a focaliza nitidamente; deixa seu rosto sempre esfumado porque ela sempre quer ser muito sexy e glamourosa. Ela mantém esse ideal adolescente de jovem durante a vida toda. Mae West também conseguiu fazer isso; até seus 80, 85 anos de idade ainda tentava ter esse aspecto glamouroso. Podemos dizer que ela tentava preservar seu "capital corporal". Nos Estados Unidos encontramos livros sobre esse tema. A editora da Cosmopolitan, Helen Brown, tem um livro chamado "Você Pode Ter Tudo". Como é que alguém pode



ter tudo? Ela tem 60 anos de idade e diz: “Não ligo para as feministas; quero que os homens me olhem quando entro no elevador. Gosto de me sentir bem, pois minha imagem fica mais positiva”. Dentro da cultura do consumo, existe uma cultura pragmática que faz com que as pessoas cuidem de sua aparência com cosméticos, etc. Isso nos faz sentir bem, porque se as pessoas nos olharem cuidadosamente a gente pensa: “Talvez eu esteja bem”. Mas se as pessoas nos ignoram, pensamos que, possivelmente, estejamos velhos. Às vezes, peço aos meus alunos para irem a algum Shopping Center para que, como antropólogos, observem as pessoas mais velhas, em relação às quais as pessoas, em geral, não prestam muita atenção. Geralmente lojistas e vendedores as ignoram. Certa vez, uma antropóloga americana se vestiu como uma velhinha. Comprou roupas antigas nos brechós; fez maquiagem, gargarejo com sal para tornar sua voz mais profunda; colocou bolinhas de algodão nos ouvidos para não ouvir muito bem. Ficou, portanto, com um aspecto desagradável e achou que viver assim é muito difícil, porque as pessoas não são simpáticas para com os velhos.

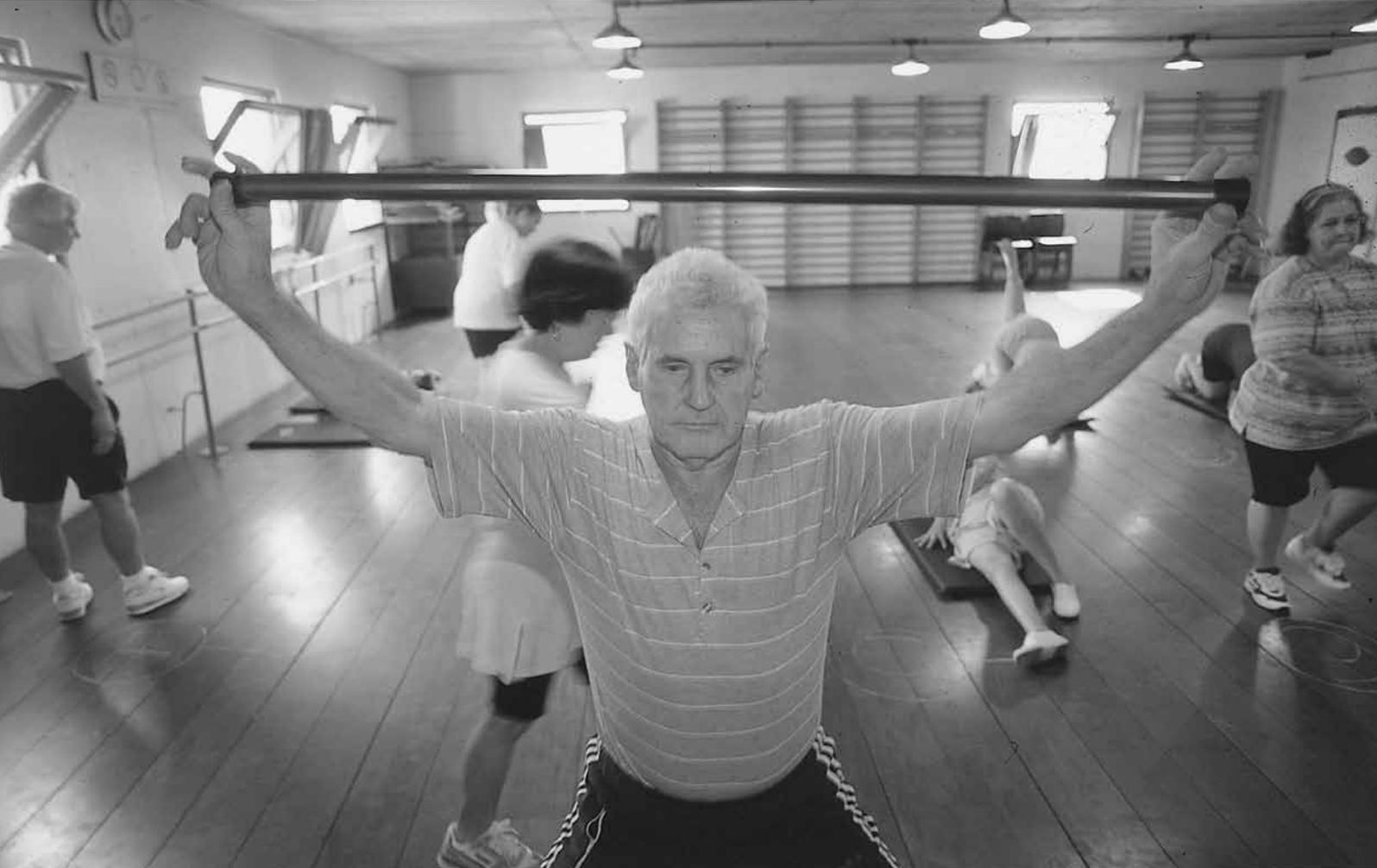
Os velhos não ouvem direito muitas coisas que fingem entender; porque senão as pessoas param de falar com eles. Em instituições, vemos muitas enfermeiras que tratam os velhos como se fossem crianças; os protegem e falam com eles como se estivessem falando com

bebês. Nos asilos, muitos escrevem sobre quando tiveram derrame, alguma coisa que paralisou seus braços ou suas vozes, e ficam sentados numa cadeira; dizem que o cérebro funciona, que capta tudo; mas o aspecto físico lhes dá aquela expressão meio embrutecida. Um romancista inglês escreveu sobre sua vida na Espanha. Ele teve derrame e a moça espanhola, que cuidava dele, ficava cada vez mais rude; falava com ele de maneira malcriada. No começo, ela tinha muito respeito, mas depois, seu poder diminuiu e, então, ela já não lhe dava cigarro nem vinho. O poder não vem somente do dinheiro ou do capital cultural, mas também do corpo. Todos sabemos que o capital do corpo é parte importante de nossa vida; e as mulheres conhecem isso melhor do que os homens. Frequentemente não pensamos nessa dimensão do envelhecimento, e que o capital do corpo diminui à medida em que a vida prossegue. Podemos combater isso com a cultura do consumo, com o trabalho do corpo. Temos uma série de coisas que nos ajudam a manter nosso capital corporal forte e por mais tempo.

Finalmente, vamos voltar a refletir sobre a imagem do rosto enrugado. Na China, quando uma criança, sentada no colo da avó, percebe mais uma ruga, beija seu rosto e diz: “Vovó, mais uma ruga tão linda!”. A avó, com mais uma ruga, está adquirindo mais status também. Nas culturas de Confúcio era assim, ou seja, havia mais respeito pelos velhos; eles tinham

um status todo especial. No Japão, uma mulher muito velha é considerada uma bonequinha, uma gracinha, como um bichinho de pelúcia. Lá, as pessoas muito idosas têm a possibilidade de vivenciar uma segunda infância e a liberdade de fazerem muitas coisas que, normalmente, não seriam aceitas em outras idades. Quando Hiroito estava morrendo, há alguns anos atrás, um grupo de mocinhas, na porta do palácio imperial, chorava ao dizer: "Nós gostamos dele. Ele é uma gracinha!". Temos que nos perguntar se os padrões ocidentais de envelhecimento se tornarão universais. Se diferentes partes do mundo obtiverem poder e se preva-

lecer a posição pós-moderna, então o futuro irá possibilitar diversos padrões ou modelos de velhice e de envelhecimento.



A Velhice: Culturas Diversas, Temporalidades Distintas

ELIZABETH MERCADANTE

ANTROPÓLOGA; PESQUISADORA DO NÚCLEO
DE ESTUDOS DO ENVELHECIMENTO-NEPE-PUC
E DOUTORA EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA PUC/SP

A autora descreve
as várias conceituações antropológicas
de sociedades simples e complexas,
enfocando fenômenos como noção de tempo,
acumulação de conhecimentos e fases do ciclo vital.
Entendendo a velhice como uma totalidade, que abrange o biológico
e o cultural, enfatiza a variedade de condições existenciais dos velhos
conforme os valores que regem as sociedades.

O título deste artigo “A Velhice: Culturas Diversas, Temporalidades Distintas”, encaminha para uma reflexão antropológica que analisa as sociedades primitivas, (objeto tradicional no estudo da Antropologia), e também avalia essa mesma questão, de como é pensada e vivida em nossa própria sociedade, denominada de sociedade complexa.

No início da Antropologia como ciência, em meados do século XIX, havia a preocupação de, a partir do estudo da sociedade primitiva, explicar a própria sociedade ocidental. As sociedades primitivas se apresentavam diferentes, em termos culturais, da sociedade européia. As diferenças, as formas muito diversas de viver e pensar tinham que ser explicadas. E eram explicadas como antecedendo, em termos de história, a própria sociedade ocidental. As sociedades primitivas eram diferentes; e essas diferenças explicavam os momentos anteriores pelos quais a sociedade européia havia passado na sua história.

Num primeiro momento, a análise antropológica da diversidade significava estudar o outro com o objetivo de explicar a evolução social das sociedades e, assim, compreender os estágios pelos quais a sociedade ocidental havia passado. Essa perspectiva também afirmava que o contato dos nativos com a religião, com a moral cristã, com a escrita, com a civilização enfim, tornaria esse “diferente” cada vez mais próximo e semelhante ao civilizado.

No começo do século XX novas

perspectivas surgem, fazendo as devidas críticas à primeira abordagem apontada e avaliando assim a outra sociedade como diferente; devendo ser entendida de modo concreto, na particularidade de sua cultura nativa, em seu contexto singular. Nessa perspectiva, a outra sociedade passa a ser efetivamente “outra sociedade” e não o passado da sociedade européia. Se num primeiro momento a sociedade primitiva virava história do mundo ocidental, agora não mais. Assim, as culturas tribais se apresentavam como uma outra sociedade, como uma possível alternativa para as pessoas optarem por aquela vida, por aquela cultura. Assim sendo, o pensamento mágico, a forma de casamento poligâmico, a forma comunal de propriedade, as várias e diferentes formas de organização política e social vão ter sua explicação nas lógicas das diferentes sociedades primitivas estudadas. Cito a lógica propositadamente, pois todo ser humano é um ser lógico pelo fato de ser cultural; o que implica em ser simbólico. O pensamento simbólico está presente em todos os homens e em todas as sociedades, não importante se de modo simples ou complexo.

A Antropologia, pelos inúmeros trabalhos realizados nas sociedades primitivas, na perspectiva de buscar sua lógica dentro do seu contexto particular, percebeu que existem várias formas de experiências temporais, várias formas de pensar o tempo. Essa diversidade tempo-

ral coloca para a reflexão antropológica a discussão de avaliar e estabelecer a relação entre Antropologia e História.

Quero aqui me remeter a Lévy-Strauss, antropólogo francês contemporâneo, que afirma que o etnólogo respeita a História, mas não lhe dá um valor privilegiado. Ele concebe a História como uma pesquisa complementar à pesquisa antropológica.

Há, na visão de Lévy-Strauss e na Antropologia que incorpora essa mesma visão, uma crítica à perspectiva histórica evolucionista, onde a dimensão temporal goza de uma posição especial. Nessa posição, a diacronia, (ordem estabelecida no tempo), por si só criaria um tipo de inteligibilidade, não apenas superior àquela fornecida pela sincronia, que implica o corte no tempo, mas especialmente pelo fato de se situar em uma ordem especificamente humana.

Há também, na visão crítica de Lévy-Strauss, o fato de que a História não é somente uma ciência, mas foi introjetada no nosso pensamento ocidental de tal forma que só podemos ter uma visão correta, uma compreensão inteligível das coisas, se as analisarmos historicamente em uma ordem de continuidade.

O estudo das sociedades primitivas, a diversidade das formas sociais, que a etnologia trabalha desdobradas no espaço, oferece o aspecto de um sistema descontínuo. Nós, com a nossa concepção histórica é que vamos dar uma

continuidade. Vamos, assim, colocar em uma ordem contínua o que, na verdade, é descontínuo. A introjeção de uma perspectiva histórica de pensar também faz com que não suportemos ver aspectos sociais descontínuos; imediatamente, temos que colocá-los em uma continuidade; temos que estabelecer as relações de início, meio e fim.

Não somente pensamos as sociedades de forma continuada; pensamos da mesma maneira sobre nós mesmos. Um devir histórico é como pensamos sobre nós; e é assim que damos uma inteligibilidade a nosso próprio respeito.

Parece que essas colocações são importantes para fazermos uma reflexão sobre o valor da história para nós mesmos; e também o quanto de complexidade sócio-cultural ela não consegue responder. Lévy-Strauss não quer anular a História; quer colocá-la em seu devido lugar, ou seja, não como rainha das ciências, mas como uma pesquisa complementar. A História não deve ser o ponto de chegada, mas sim, ponto de partida para se ter uma visão mais clara sobre as várias sociedades e as várias culturas. A História não deve ser oposta a outras formas de conhecimento como uma forma privilegiada de pensar.

Diante do que foi dito, perguntaria: as sociedades primitivas têm história? Sim, têm. Apresentam, no entanto, uma história diferente. Ela não é pensada como nós a pensamos. Diria, novamente apoiando-me em Lévy-Strauss, que a

história das sociedades primitivas é uma história fria, diferente da história da nossa sociedade. Quando este autor afirma que a história dessas sociedades está enraizada e não desabrocha, está também explicando que não há, nessas mesmas sociedades, uma concepção de história, de continuidade. Assim, ao apontar para a questão da história, Lévy-Strauss compara e contrapõe as sociedades primitivas ao mundo ocidental. No mundo ocidental a história se apresenta como uma história “quente” e com a característica de ser cumulativa. Nas sociedades primitivas a história não expressa necessariamente a idéia de continuidade, de progresso e de desenvolvimento, no sentido de acumular coisas, conhecimentos, idéias e invenções, que impliquem na passagem de uma forma mais simples para um estágio cultural mais desenvolvido.

Nossa sociedade, classificada como complexa, acumula conhecimentos. Um conhecimento leva a um outro conhecimento. Por esta razão se diz que nossa sociedade tem uma história cumulativa; o que não acontece com as sociedades primitivas. Elas descobrem alguma coisa; podem se entreter por décadas, por centenas de anos com aquela invenção ou descoberta, sem acumular uma outra, sem que um conhecimento leve a outro.

É próprio do conhecimento selvagem ser intemporal. O pensar intemporal tenta captar o mundo como uma totalidade, ao mesmo tempo, sincrônica

e diacrônica. A forma diacrônica leva em consideração uma ordem temporal, sem deixar de pensar em termos de uma totalidade, na medida em que considera também a sincronia.

A base desse pensamento implica em ser auxiliado por imagens que geram construções mentais e possibilitam o entendimento do mundo. Enquanto relacionado a esse mesmo mundo, a esse pensamento primitivo e ao trabalhar com as semelhanças, se define como um pensamento analógico.

Com esse pensamento analógico é que os selvagens vão classificar o mundo, as coisas; e também, se classificarem como crianças, jovens, adultos, velhos etc.

A partir da argumentação precedente, vimos que a velhice é uma forma de classificação das fases da vida no pensamento primitivo. Ao chamarmos a atenção para a idéia de classificação de pensamento, imediatamente somos levados a pensar sobre o fato cultural; e assim sendo, perguntamos como fica a questão biológica do envelhecimento e da velhice. A velhice seria cultural para o pensamento primitivo, e biológica para o pensamento civilizado?

O que significa falar de velhice como algo cultural, e velhice como algo biológico? Certamente, a velhice é um fenômeno biológico. O organismo da pessoa idosa apresenta particularidades. Há no envelhecimento um sentido relativamente claro da noção de decadência



no plano biológico. O organismo entra em declínio quando se reduzem suas possibilidades de subsistir. Simone de Beauvoir afirma que o envelhecimento e, em seguida, a morte sobrevêm quando um determinado programa de crescimento e de maturação chega a seu termo como fato da natureza. A velhice é um processo comum a todos os seres vivos. A morte, embora possa acontecer em qualquer momento da vida, frequentemente sucede à velhice.

Sendo a velhice portanto um fato biológico ela é natural e universal; e isto significa que está presente em todas as sociedades humanas. Parece, no entanto, que somente esse fato natural, biológico é insuficiente para definir a velhice. Uma definição, apoiada somente na biologia, explicaria parcialmente a velhice; não seria capaz de dar uma visão mais ampla dos comportamentos, das atitudes e dos pensamentos dos indivíduos. O envelhecimento humano sempre ocorre em uma determinada sociedade, em uma determinada cultura e em um determinado tempo histórico.

Simone de Beauvoir complementa o raciocínio acima ao afirmar: “Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial; modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história. Por outro lado, o homem não vive em estado natural. Na sua velhice, como em qualquer idade,

seu estatuto é imposto pela sociedade à qual pertence”. A mesma autora diz ainda: “A sociedade destina ao velho seu lugar e papel, levando em conta sua idiosincrasia individual, sua impotência, sua experiência. Reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta portanto descrever, de maneira analítica, os diversos aspectos da velhice. Cada um desses aspectos vai reagir sobre todos os outros e ser afetado por todos esses outros. É nesse movimento indefinido dessa circularidade que é preciso apreender a velhice”. (Beauvoir, Simone, “A Velhice”, pág. 99, 1990).

Sintetizando a partir dos elementos até agora avaliados e para ser compreendida em sua totalidade, a velhice tem que ser analisada não somente como um fato biológico, mas também como um fato cultural. Como uma totalidade, onde o biológico está presente e levando-se em conta o cultural, ela se apresenta vivida e pensada das mais variadas formas e nas mais diferentes sociedades.

As classificações culturais são eficazes não só porque são representadas, mas também pelo fato de levar os homens a atuarem, socialmente, no sentido de se distribuírem nos vários papéis sociais. As classificações culturais se constituem, ao mesmo tempo, com as realidades sociais particulares. São essas classificações as responsáveis pelo estabelecimento das relações sociais entre homens e mulheres,

pais e filhos, avós e netos; das relações entre os grupos de poder e entre as gerações. São essas classificações que também vão determinar o quanto um corpo envelhecido deve ou não trabalhar. O mesmo vale para outros corpos como o de uma criança, o de um jovem, o de um adulto; e também para um corpo feminino ou masculino.

Em nossa sociedade a classificação cultural, fundamentada na cronologia, também organiza as pessoas no sentido de estabelecer qual a idade escolar, qual a idade que uma pessoa pode entrar no mercado de trabalho, e quando deve se retirar desse mercado, aposentado-se.

Debert, G. afirma: "Essas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais no interior de uma população, definindo relações entre as gerações e destruindo a fixação da maioria civil, do início da vida escolar, da entrada no mercado de trabalho. É fundamental, na nossa sociedade, na organização do sistema de ensino, na organização política, na organização dos mercados de trabalho. Mecanismos fundamentais de distribuição de poder e prestígio no interior das classes sociais têm como referência a idade cronológica. Categorias e grupos de idade implicam, portanto, a imposição de uma visão de mundo social que contribui para manter ou transformar as posições de cada um

em espaços sociais específicos". (Debert, G. pág. 12, 1994)

A Antropologia, nos estudos que realiza sobre as sociedades primitivas, revela que a concepção cronológica, própria do pensamento ocidental, não está presente, na maioria dessas sociedades, orientando a vida de seus membros. Na verdade, o que orienta as ações dos indivíduos nas sociedades tribais não são datações detalhadas, mas a concepção do nível de maturidade dos indivíduos. Assim sendo, nível de maturidade implica não somente em uma avaliação biológica dos indivíduos, mas também nas atividades econômicas, sociais, políticas e religiosas que esses mesmos indivíduos, classificados em um determinado nível de maturidade, podem e devem realizar.

Analisar o processo de envelhecimento e a própria velhice, na cultura primitiva, implica em inúmeras formas heterogêneas e primitivas de se pensar e viver a velhice. Não há, portanto, uma única forma de cultura primitiva, mas inúmeras situações singulares, tendo em vista a especificidade de cada cultura particular.

Em muitas sociedades tribais os velhos são respeitados pelos conhecimentos que possuem sobre as propriedades das coisas. O respeito se dá pela memória que o velho possui, e pela transmissão oral que faz do seu conhecimento social. A sociedade Aranda, grupo de caçadores e coletores que vive nas florestas austra-

lianias, exemplifica uma sociedade que enaltece os seus velhos. Certamente, os membros mais respeitados desse grupo são homens de cabelos grisalhos. São esses homens de “cabelos grisalhos” os velhos que possuem a maior experiência prática a ser transmitida para os outros membros do grupo. Quando os homens “de cabelos grisalhos” também conhecem as tradições sagradas, (os mitos e os rituais) certamente, a sua autoridade se torna ainda maior. Esses homens “de cabelos grisalhos” vão dirigir a vida religiosa que vai dominar toda a vida social da tribo.

É importante esclarecer que o respeito, que a sociedade Aranda tem pelos velhos, reside no fato de os mesmos serem os depositários da memória social; já que as culturas primitivas contam, para a transmissão das suas memórias, com o relato oral dos mais velhos. Essas culturas não possuem escrita e, assim, não registram os fatos e acontecimentos sociais através de documentos. O poder político sobre a comunidade tribal, como um todo, é exercido pelo membro mais velho. Cabe aqui apontar que, quando as faculdades mentais e a capacidade física desse velho dirigente declinam, ele conserva um poder nominal, tendo sempre ao seu lado um mais jovem que deverá ajudá-lo.

O grupo tribal Suyá, localizado no Mato Grosso e estudado por Anthony Seeger, apresenta uma situação singular vivida pelos seus velhos. Os velhos fazem

palhaçadas, dançam, gritam, cantam em falsete, tiram a roupa e fazem gestos obscenos, enquanto os outros membros da tribo assistem ao espetáculo, rindo e aplaudindo.

Realizar palhaçadas e comer alimentos proibidos para os outros membros do grupo Suyá é norma no comportamento dos velhos. Anthony Seeger comenta que as palhaçadas, as coisas engraçadas feitas pelos velhos, longe de ser um comportamento desviante, são esperadas e muito apreciadas pelo grupo social.

Na sociedade Suyá os velhos apresentam um comportamento rabelaisiano, que contrasta, de modo dramático e humorístico, com o comportamento dos outros membros Suyá.

De fato, gozar de uma situação especial entre os Suyá, significa, para os velhos, serem considerados como marginais. Seeger, a respeito da marginalidade, afirma: “Isso se expressa na ambiguidade de seu status, em seu cheiro e na comida que podem comer. A marginalidade pode ser perigosa ou socializada. Os velhos podem agir como Wikényi (palhaços) ou como feiticeiros. Tanto feiticeiros como Wikényi recebem comida de não parentes; o feiticeiro pede diretamente por comida, que lhe é dada por medo de represália; o Wikényi grita por comida, que lhe é dada em troca de bufonaria humorística”. (Seeger, A. pág. 69, 1980).

Esses grupos aqui representados ilustram duas formas de viver dos velhos

em suas tribos. Não foram citadas, e nem tampouco analisadas, tantas outras sociedades primitivas que sacrificam os velhos. Mais uma vez, vale a pena aqui enfatizar as inúmeras possibilidades que as sociedades primitivas apresentam nas suas relações com os idosos; assim sendo, ao se analisar a questão da velhice nas sociedades primitivas, não se pode generalizar esta mesma questão. Não é verdade que as sociedades simples são desumanas com seus velhos, mas também não é justo que tenhamos uma imagem idílica, falsa, dessas sociedades nas relações com seus velhos.

Simone de Beauvoir, em seu livro clássico "A Velhice", chama a atenção para a impossibilidade de generalizar sobre a questão da velhice nas sociedades tribais; mas estabelece algumas considerações gerais quando afirma: "Salta aos olhos que o velho tem mais condições de subsistir nas sociedades ricas, do que nas pobres; nas sedentárias mais do que nas nômades. No que diz respeito às sedentárias, coloca-se apenas um problema de sustento; no que se refere aos nômades, além desse problema há ainda outro, mais difícil - o do transporte. Mesmo que gozem de certa abastança, esta não é conseguida, senão, graças a incessantes deslocamentos; se os idosos não conseguirem seguir, são abandonados. Nas sociedades agrícolas a mesma relativa abundância seria suficiente para alimentá-los. Entretanto, a situação econômica não é absolutamente

determinante: em geral, trata-se de uma opção que a sociedade faz, e que pode ser influenciada por diferentes circunstâncias". (Beauvoir, S. pág. 99, 1990).

Refletir sobre a velhice em nossa própria sociedade significa entender esta questão como sendo multifacetada, e portanto, as várias facetas deveriam estar presentes apoiando a reflexão. Tendo em vista a avaliação feita, a partir da concepção de nível de maturidade em algumas sociedades tribais, abordaremos o aspecto equivalente, presente em nossa sociedade, que é a cronologia.

Certamente, na nossa sociedade a velhice é marcada cronologicamente, assim como a idade adulta, a adolescência etc. É a classificação, via cronos, que determina as várias faixas etárias. As regras de idade cronológica se apresentam, nas sociedades ocidentais, pela exigência das leis que determinaram os direitos e os deveres do cidadão.

Featherstone, Mike explica: "As sociedades modernas, geralmente são definidas tendo por base a industrialização, a urbanização e a administração pública das populações. Iniciam o registro dos nascimentos, das mortes, da doença, e uma cronologização geral do curso da vida. Uma série de idades compulsórias foram instituídas para começar a deixar a escola, assim como para ingressar no trabalho, casar, votar, se aposentar etc. O Estado moderno assumiu seu papel de padronizar e universalizar essas grades

etárias estendidas para todos os grupos que eram obrigados a aceitá-las como direitos e deveres dos cidadãos”. (Featherstone, M. pág. 62, a994).

A concepção cronológica responde às mudanças estruturais ocorridas na economia quando da transição de uma economia, baseada na unidade doméstica, para uma outra em que o mercado de trabalho passava a ser preponderante. A perspectiva do tempo cronológico assume um papel importante na medida em que possibilita a padronização da infância, da adolescência, da idade adulta e da velhice. Assim, a concepção cronológica enaltece uma ordem onde o mundo econômico e o mundo do trabalho ocupam um lugar central. O trabalho é tão valorizado que se torna um fator essencial para valorizar também os indivíduos que estejam trabalhando. A importância de estar inserido no sistema produtivo é de tal ordem, que os indivíduos alijados do mundo do trabalho são sempre avaliados negativamente. O velho, nessa situação fora do mercado de trabalho, passa a ser visto de uma forma negativa. Assim se obtém uma primeira relação entre dois termos: não trabalho e velhice. Uma relação, sempre negativa, que define o ser velho. Estar alijado do mundo do trabalho implica, na maioria das vezes, estar alijado dos outros locais sociais; implica na criação de barreiras que impedem a participação do velho nas outras dimensões da vida social.

Featherstone aponta que esta situação, de predomínio total da dimensão econômica sobre as outras dimensões sociais, está sendo modificada. Estamos em transição para a pós-modernidade; portanto, para situações de maior flexibilidade. Afirmo Featherstone: “Assistimos a reversão daquelas tendências com uma maior diversidade e embaçamento das grades etárias. Por exemplo, há modelos mais variados de empregos com o ingresso dos jovens no mercado e a finalização automática da transição entre a escola e o trabalho. Há mais mulheres de meia idade retornando ao mercado de trabalho e educação superior, e mais homens se aposentando mais cedo”. (Featherstone, M. pág. 62 e 63, 1994).

A pós-modernidade, com as características acima apontadas, evidencia um mundo mais flexível; não um caminho rígido para se viver as diversas fases da vida, mas vários caminhos alternativos para os indivíduos construírem novas fases, novas etapas de vida, e até negarem a própria idéia de etapas cronológicas.

Certamente que, para se pensar em caminhos mais flexíveis para a vida, é importante incorporar uma nova concepção de tempo. Assim, pensar em tempo interno, em tempo existencial, em tempo “kairós”, significa ter uma perspectiva mais próxima do ser humano, do que uma perspectiva do tempo cronos, que segmenta o indivíduo em uma série de eventos psíquicos. Classificar os indivíduos externamente (anos, meses, dias,

horas) faz com que não se aborde e não se compreenda toda uma experiência existencial. Não se concebe e nem tampouco se compreende a parte da cronologia, o tempo, como sendo o sujeito humano. Como bem explica Joel Martins: "Precisamos conceber e compreender o tempo como o sujeito humano sendo tempo. Deve-se tornar claro que não se trata de uma justaposição de acontecimentos externos, uma vez que o tempo é a peça que mantém os eventos juntos, num contínuo e não segmentados". (Martins, J. pág. 7, 1991).

A percepção, a partir somente de um tempo externo e não de um tempo interno para avaliar o sujeito, não apreende a idéia do ser em metamorfose, em que as idéias de passado, presente e futuro unem-se. O futuro consistiu em um passado e em um presente. Não considerar a idéia de metamorfose do ser nos faz ver o velho só, como tal, como uma categoria residual e não, ao mesmo

tempo, a criança, o adolescente, o adulto e o velho, sintetizando a idéia do sujeito, apreendendo-o como um ser temporal, e não como um conjunto segmentado de eventos psíquicos, isto é, criança, adolescente, adulto e velho.

Pensar o sujeito, a partir de uma concepção "kairós", implica em promover a quebra de uma incongruência que se dá entre dois tempos: externo e interno, vividos pelos sujeitos velhos. Pensar "kairós" significa romper com o entendimento de velhice como um estigma e de se pensar no velho como um sujeito pleno de desejos, e também sujeito de seu próprio destino.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone - "A Velhice", Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1990.

DEBERT, G. - "Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice", in: textos didáticos, "Antropologia e Velhice", nº 13,

São Paulo, IFCH/Unicamp, 1994.

FEATHERSTONE, M. - "O Curso da Vida: Corpo Cultura e Imagens do Processo de Envelhecimento", in: textos didáticos, "Antropologia e Velhice", nº 13, São Paulo, IFCH/Unicamp, 1994.

LÉVY-STRAUSS, C. - "Antropologia Estrutural Dois", Biblioteca Tempo Universitário 45, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1976.

MARTINS, Joel - "Não Somos Cronos, Somos Kairós", São Paulo, Editora Abril, 1991.

SEEGER, Anthony - "Os Velhos nas Sociedades Tribais", in: Os índios e nós, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.

Envelhecimento Populacio- nal: Desafio do Próximo Milênio

MARCELO ANTONIO SALGADO

ASSISTENTE SOCIAL; GERONTÓLOGO;
GERENTE DE ESTUDOS E PROGRAMAS DA TERCEIRA IDADE SESC/SP;
AUTOR DO LIVRO "A VELHICE, UMA NOVA QUESTÃO SOCIAL".

O aumento da população idosa é um fato mundial e irreversível, como decorrência da diminuição das taxas de mortalidade e de natalidade.

Constata-se a ausência de efetivas políticas sociais voltadas para os idosos, principalmente no terceiro mundo, onde o ritmo do envelhecimento populacional é mais acelerado.



O mundo caminha para o envelhecimento. “Em pouco tempo os velhos serão maioria populacional”, é uma afirmativa comum para apresentar a questão do envelhecimento populacional.

Conforme dados das Nações Unidas, o envelhecimento demográfico tem apresentado a seguinte projeção em todo o mundo:

1950	214 milhões de idosos
1975	350 milhões de idosos
2000	610 milhões de idosos
2025	1 bilhão e 100 milhões (para uma população global de 8 bilhões e 200 milhões).

O fenômeno do envelhecimento populacional, que se originou em países do primeiro mundo (continente europeu - França e Inglaterra), sofrerá alterações no próximo milênio:

1975	25% dos velhos estavam em países em desenvolvimento
2000	60% dos velhos estarão em países em desenvolvimento
2025	72% dos velhos estarão em países em desenvolvimento.

Nestes países a população jovem até 15 anos de idade, que em 1975 se constituía em 41% da população, será reduzida a 33% no ano 2000 e a 26% no ano 2025.

Em contrapartida, a população de idosos, que representava menos de 5% em 1975, será de mais de 7% no ano 2000 e 12% no ano 2025.

Nas sociedades em desenvolvimento, nas últimas décadas, houve um considerável aumento da expectativa de vida: de 40 anos, na década de 40, para 62 anos, na década de 90. Espera-se mais de 70 anos para o ano 2025 e trinta anos mais para os nascidos nessa época.

Nos países desenvolvidos o percentual de idosos será ampliado: 15% em 1975, 18% no ano 2000 e 23% no ano 2025.

No mundo, em 1950, em cada 100 adultos (entre 16 e 59 anos) 45 eram jovens (até 15 anos) e 19 eram idosos (mais de 60 anos). No ano 2000, nos mesmos 100 adultos, existirão 35 jovens e 40 idosos.

O envelhecimento populacional é consequência de dois fatores:

- Declínio da mortalidade;
- Queda da natalidade.

Nos países desenvolvidos, onde esse fenômeno teve início, pode-se dizer que esta situação teve sua origem com o desenvolvimento. Nessas sociedades, a partir da Revolução Industrial, as populações passaram a viver melhor, com boas condições ambientais, nutricionais, de trabalho etc; diminuindo assim a mortalidade prematura em todas as classes etárias.

A natalidade também foi diminuindo em decorrência do nível educacional mais elevado das mulheres e das expectativas vivenciais maiores, diferentes de suas mães e avós. As mulheres não estavam mais tão disponíveis para a procriação, para a educação dos filhos e

para uma dedicação exclusiva às atividades domésticas.

Nos países em desenvolvimento, o fenômeno populacional resulta mais das tecnologias de saúde do que do próprio desenvolvimento. As vacinas e os antibióticos, inexistentes nas primeiras décadas deste século, tornaram possível o tratamento de doenças que dizimavam populações. Hoje, mesmo as pessoas que vivem em condições precárias têm possibilidade de atingir a idade da velhice. Os métodos anticonceptivos, antes restritos às pessoas de bom nível sócio-cultural, hoje, são acessíveis a mulheres de níveis precários.

Mais uma vez a tecnologia é o elemento facilitador.

O envelhecimento populacional, grande conquista da humanidade, apresenta sérios desafios que deverão ser respondidos com urgência pelas sociedades:

RELAÇÃO DE ENCARGO

A velhice tem um custo social elevado, quer pela manutenção das aposentadorias e pensões, quer pela assistência social e programas de saúde; sendo estes últimos extremamente onerosos quando se referem às populações muito idosas.

Os sistemas de aposentadoria estão em crise financeira na medida em que a população de aposentados se recusa a morrer no tempo previsto; diminuindo assim a relação de trabalhadores ativos (contribuintes dos sistemas previdenciários

públicos) e de aposentados (mantidos por esses sistemas). Acrescenta-se ainda que a queda da natalidade diminui o número de indivíduos economicamente ativos, contribuintes do sistema; reduzindo, portanto, o suporte econômico das aposentadorias.

O envelhecimento social acarreta o envelhecimento da população ativa. Não existe um grupo de velhos inativos e um grupo de jovens ativos. É parte da própria população ativa que envelhece, ou seja, dos trabalhadores com mais de 40 anos de idade.

Essa é a razão pela qual, mesmo nos países ricos, os aposentados se constituem num grupo economicamente pobre. Essas nações com altos percentuais de idosos nem sempre podem ser tão generosas quanto às aposentadorias; se o forem, haverá reflexos em outros setores.

A Organização Internacional do Trabalho estima que, por volta do ano 2020, existirão em torno de 40 aposentados para cada 100 trabalhadores ativos (países industrializados). Essa situação estabelece uma concorrência entre jovens e idosos na distribuição da renda que sustenta os benefícios do sistema previdenciário. Em alguns países já ocorre um afrontamento político entre aposentados e jovens trabalhadores; os primeiros, lutando pela melhoria ou manutenção da qualidade econômica da aposentadoria e de outros benefícios; os últimos, contestando as contribuições previdenciárias cada vez

mais pesadas.

A questão do elevado número de idosos também é preocupante; pois, estará a exigir atenção especial, notadamente, quanto aos serviços de assistência social e de saúde. Nos países desenvolvidos, onde este fato já ocorre, são gastas somas extraordinárias para a implementação destes serviços. No caso dos países em desenvolvimento, onde este fato irá acontecer no próximo século, a questão será bem mais séria; visto que ainda tentam resolver problemas sociais clássicos do subdesenvolvimento, e não dispõem de políticas públicas para enfrentar essa questão.

A POSIÇÃO SOCIAL DOS VELHOS

Na história das sociedades identificamos três fatores de diferenciação, sempre presentes, assumindo características de preconceito social quanto ao sexo, raça e idade.

O homem tem sido considerado sempre mais forte e mais perfeito que a mulher; a raça branca, superior às demais; o jovem, melhor que o velho.

A idade cronológica tem diferentes concepções em diferentes épocas e sociedades. Assim, a posição social do velho varia entre o grande respeito e o profundo escárnio.

O envelhecimento, além de um fato biológico (alterações no organismo), é um fato psico-emocional e social.

Como fato biológico suas caracte-

rísticas são universais:

- todos os que sobrevivem, envelhecem;
- todos os que envelhecem, decaem biologicamente;
- todos os que decaem biologicamente, adoecem;
- todos os que adoecem, morrem.

Muito embora se diga, comumente: “fulano morreu de velhice”; não é assim que aparece no atestado de óbito. Sempre existe uma patologia que intervém e que determina o tipo da morte.

Outros aspectos, tão importantes como o fato biológico, sofrem modificações em cada tempo, em cada cultura e dentro de uma mesma sociedade. Nas sociedades pré-industriais o que se observava, ao longo do ciclo de vida, era o nível de desenvolvimento biológico e a maturidade. A partir daí os indivíduos eram autorizados a realizar tarefas importantes e a assumir responsabilidades sociais.

Hoje os estágios do ciclo de vida são classificados por idades, pelas possibilidades e pelos limites sociais correspondentes:

Infância e Adolescência

tempo e função social de aprendizagem

Idade Adulta

tempo e função social de produção

Velhice

tempo de aposentadoria.

A função social designada para a velhice é nula ou, na melhor das hipóteses,

pouco expressiva. Em função do afastamento dos meios de produção, o velho é pouco considerado e sujeito a uma série de preconceitos negativos.

Pode-se afirmar que a velhice também é uma questão política e depende de um valor atribuído pela sociedade.

Nas nações sujeitas a mudanças e transformações rápidas, pobres em tradições culturais com valor econômico forte, os que não estão aptos para a produção ficam sujeitos ao desprestígio social.

Na situação de desprestígio a sociedade não espera nada do velho, porque não acredita que ele seja capaz. Lamentavelmente, a pobreza de alguns idosos, o estado de abandono em instituições asilares e a precariedade sócio-cultural de outros, reforçam esta imagem e perpetuam os preconceitos.

Esse cenário tende a se agravar, na medida em que os avanços tecnológicos tendem a substituir o homem pela máquina. Se, hoje, o indivíduo se mantém útil para o trabalho até os 60 anos; no futuro, talvez seja dispensável aos 50 ou 45 anos. O que fazer nos 60, 70 e 80 anos de sua velhice? Isso exige uma modificação de todo o sistema de organização da sociedade, tanto a nível econômico, quanto ao da distribuição das funções sociais.

É necessário que se crie um espaço para a existência, socialmente produtiva, dos velhos; acreditando ser possível sua participação e contribuição para a sociedade.

A subcultura preconceituosa deve ser combatida, criando-se oportunidades para que esse segmento importante possa se desenvolver social e culturalmente.

A velhice, como etapa particular do ciclo de vida e sujeita a limites e possibilidades, exige políticas sociais específicas com o objetivo de integrar o idoso ao meio social. Trata-se, também, de sensibilizar todos os segmentos da sociedade para a responsabilidade que têm de favorecer a independência dos velhos, e para a manutenção de sua autonomia, no limite máximo de suas possibilidades; independentemente do grau de dificuldade, que possam apresentar.

É imprescindível a implementação de ações em prol das populações, que envelhecem com políticas de natureza mais preventiva e menos curativa, mais promocional e menos assistencial; com ações que incidam sobre os fatores essenciais da manutenção de sua qualidade de vida; com uma política para a velhice que, inserida no bojo de uma compreensão social mais ampla, diminua as desigualdades e invista nos indivíduos ao longo de todo o seu ciclo de vida.

Uma velhice saudável depende da qualidade de vida anterior. Desta forma, pouco se pode fazer pelos idosos, se muito não se fizer pelos jovens e adultos.

Cabe às sociedades redefinir o significado de envelhecimento e da velhice. Cabe a cada velho o compromisso de lutar e conquistar seu espaço e sua dignidade.

Se a sociedade inventou a velhice, os idosos devem reinventar a sociedade.

BIBLIOGRAFIA

SALGADO, Marcelo Antonio - Velhice, Uma Nova Questão Social - Edição SESC, SP, 1980.

SALGADO, Marcelo Antonio - Políticas Sociais na Perspectiva da Sociedade Civil - Anais do I Seminário Internacional sobre o Envelhecimento Populacional - Brasília, 1996.

KALACHE, Alexandre - Envelhecimento no Contexto Internacional - Anais do I Seminário Internacional sobre o Envelhecimento Populacional - Brasília, 1996.



A Universidade Aberta Para a Terceira Idade da PUC-SP

ANTONIO JORDÃO NETO

SOCIÓLOGO; DOUTOR E DOCENTE DE SOCIOLOGIA NA PUC-SP;
COORDENADOR DA UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE DA PUC-SP;
AUTOR DOS LIVROS "A SEGREGAÇÃO DO VELHO NA SOCIEDADE",
"A REVOLUÇÃO DAS IDÉIAS" E "GERONTOLOGIA BÁSICA".

As Universidades Abertas
para a Terceira Idade representam a conquista
de um importante espaço de participação social
e de recuperação da auto-estima.

Os idosos que se engajam nesse processo educacional
realizam potencialidades e melhoram a imagem social da velhice.

Pretendo examinar alguns dos fatores responsáveis pela aceitação da proposta de Universidade Aberta para a Terceira Idade e, ao mesmo tempo, fazer algumas críticas que já têm sido apresentadas com relação ao que se faz nessas universidades. Tomarei por base as colocações da professora da Unicamp, Patrícia Guerreiro, num documento chamado "A Universidade para a Terceira Idade e a Experiência do Envelhecimento"; documento publicado pela Unicamp em 95, em que ela inclusive avalia a própria experiência da Puccamp.

Por que essas propostas da Universidade Aberta têm apresentado uma grande aceitação, um grande êxito de público? Porque todos os projetos, pelo menos a maior parte dos projetos que conheço, vão exatamente ao encontro de uma série de potencialidades não realizadas pela população da chamada Terceira Idade; potencialidades essas que têm sido detectadas em vários estudos da gerontologia e apresentadas no próprio discurso da gerontologia.

Que potencialidades não realizadas são essas?

1) A terceira idade é considerada um momento de melhor avaliação crítica da vida em virtude das experiências acumuladas.

2) Na terceira idade a pessoa torna-se mais detalhista e mais paciente.

3) A crescente sabedoria permite maior capacidade de julgamento.

4) A elementariedade permite a

distinção entre o banal e o fundamental.

5) O reconhecimento do valor da vida solicita a urgência e a necessidade da atuação, com um nível surpreendente de envolvimento pessoal que, por sua vez, estimula a criatividade.

6) A velocidade é substituída pela acuidade; a capacidade de recordação aumenta; a diminuição da capacidade de novas conexões intelectuais é substituída pela experiência.

7) O envolvimento com negócios cede lugar às responsabilidades no contexto familiar e comunitário.

8) As paixões e a volúpia são substituídas por deleites mais refinados.

9) A questão sexual é redimensionada no sentido do amor, do calor humano, da partilha e da intimidade do toque entre as pessoas.

10) Atitudes e preferências ganham maior estabilidade.

11) A participação política e de cidadania torna-se mais efetiva.

12) Há menos temor da morte, nomeada em que a força do corpo é substituída pela força do espírito.

13) Entre a situação real e a situação potencial, abre-se o espaço para o compromisso social e político e para a ação.

Justamente ao trabalhar essas potencialidades não realizadas, as universidades foram ao encontro daquilo que os integrantes da Terceira Idade tinham interesse em desenvolver, mas não encontraram um caminho, um canal adequado.

Nesse sentido, dentro de uma sociedade que, perversamente, marginaliza as pessoas que vão envelhecendo, como se envelhecer fosse um crime, um delito, um verdadeiro pecado e não uma consequência de um processo biológico natural, dinâmico, progressivo e irreversível, a criação das universidades representou uma oportunidade sem igual para fazer os idosos se reencontrarem, redescobrir o seu potencial, e se perceberem como seres humanos que podiam e deviam se valorizar como cidadãos ativos e participantes; recuperando assim sua auto-estima; resgatando sua auto-imagem e mostrando aos familiares e à sociedade sua capacidade de pensar e de agir por si mesmos; sobretudo, de ir à luta pelos seus direitos e pela conquista de seu legítimo espaço social.

Todos esses avanços vão confirmar que esses projetos representam uma conquista educacional sem precedentes. Muitos de seus aspectos, muitas de suas conquistas e muitos de seus fundamentos talvez sirvam de parâmetro para mudanças no próprio funcionamento da universidade tradicional. Nesse sentido, alguém já disse de forma meio sarcástica, mas com uma ponta de verdade, que é muito provável que um projeto, que contemple a Terceira Idade, justamente por se tratar de uma proposta atualizada, que reflete as próprias transformações da nossa sociedade, possa vir a desesclerosar as estruturas atuais das nossas universidades...

Os depoimentos dos idosos enquanto participação, enquanto alegria, enquanto entusiasmo, posso confirmar e dizer que, depois de mais de 30 anos como professor e como sociólogo, é o momento da minha vida em que me sinto mais gratificado. Como educador, estou vendo uma proposta realmente se incorporar na vida das pessoas e se transformar num instrumento de vivência cotidiana, ao contrário do que acontece na maior parte dos cursos, em que os alunos aprendem coisas que não têm absoluta utilidade imediata para a sua vida. Como sociólogo, estou assistindo a mudanças muito significativas no comportamento e nas atitudes dessas pessoas.

Todas essas conquistas realmente entusiasma; nos trazem grande alento e nos dão grande recompensa. Acho, porém, que nem tudo são flores nesses projetos das universidades. Há alguns aspectos demográficos, humanísticos e instrumentais que se apresentam, muitas vezes, como pontos, não digo negativos, mas talvez dignos de maior reflexão. Por exemplo, do ponto de vista demográfico, as pessoas colocam que aquela fração de idosos que frequenta as universidades abertas é constituída, em sua grande maioria, por pessoas da chamada classe média que têm recursos e instrução mínima para poder pagar o seu estudo; porque a grande maioria dos projetos ainda se localiza em universidades particulares. Sob esse prisma, embora as universidades possam representar conquistas significativas, dizem alguns críticos que é uma proposta

boa, mas elitista; porque estaria deixando de lado o grosso da população idosa brasileira, formada por pessoas de baixa renda e, em grande parte, analfabetas. É uma crítica bem fundamentada, uma crítica pesada. Realmente, temos que admitir que ela limita muito o acesso da maior parte das pessoas que têm rendimentos mínimos, como é o caso de aposentados e pensionistas. O que poderíamos colocar para rebater essa acusação é que não é uma proposta que tem um sentido de massa, e nem tem condição de ser uma proposta de massa. O que acontece é que as universidades têm, pelo menos, procurado cobrar dos alunos uma taxa mínima para cobrir os gastos básicos, permitindo que a proposta seja auto-sustentada. Temos tentado, inclusive, conseguir junto a empresas, no caso da PUC, bolsas de estudos que, de certa forma, poderiam minorar um pouquinho esse aspecto.

Outra crítica que se faz é a seguinte: as universidades estão se abrindo para pessoas de 45 a 50 anos. Isso representa a terceira idade? Aliás, as minhas colegas da PUC ficaram horrorizadas, as mulheres principalmente: “Imagine, 45 anos é Terceira Idade?!”. A coisa não é bem por aí. O que se pretende com isso é tratar a questão por um prisma preventivo. Isso foi confirmado, porque um dos nossos alunos (um dos raros alunos do sexo masculino, diga-se de passagem) me disse: “Professor, esse curso é muito bom. Só tem um defeito: tinha que ter começado há 30 anos atrás, porque hoje eu teria

outra cabeça se tivesse tido a chance de ter ingressado numa universidade”.

Critica-se também as universidades, dizendo que elas têm um caráter segregador. O raciocínio seria mais ou menos assim: ao criar um curso específico para as pessoas da Terceira Idade, ela não estaria separando ainda mais essas pessoas do convívio de outros grupos sociais dentro da própria sociedade e dentro da própria universidade? Como poderíamos estar respondendo a essa crítica? Talvez dizendo que, ao abrir justamente para pessoas entre 45 a 50 anos, estaríamos aproximando, de certa forma, as pessoas da meia idade das pessoas mais próximas da terceira idade. Eu lembraria, por exemplo, que na Universidade de Milão, que tem cursos de universidade aberta e cerca de dois mil alunos, 43% desses alunos têm mais de 60 anos; 35% têm entre 40 e 60; e os restantes são todos com menos de 40 anos de idade. A universidade oferece cursos tão interessantes que passa a atrair também alunos de outras faixas sociais. Poderíamos dizer que também esse espírito segregador acontece nos cursos voltados para outras faixas etárias. Os jovens também se fecham nos seus grupos; não se misturam com outras faixas etárias, embora notamos que, pela proximidade física, há uma grande aceitação. Vemos hoje os alunos de outros cursos da universidade aceitando, plenamente, a presença e até estimulando a participação dos alunos da Universidade Aberta.

A Universidade Aberta é criticada também sob o ponto de vista ético-humanista. Somos vítimas até dentro da própria PUC. Quando começamos, muita gente dizia que esses cursos tinham um caráter paternalista e protecionista, porque não havia avaliação, nem exames, nem provas; ao contrário, tinham um caráter mais lúdico do que acadêmico; estavam mais voltados para o lazer etc. Ora, isso simplesmente não é verdade. Embora não haja provas, nem exames, nem trabalhos, na realidade o que nós vemos é que o currículo fornece, perfeitamente, elementos capazes de fazer as pessoas tomarem consciência da sua situação, de exercitarem a sua cidadania e ter um perfeito entendimento dos assuntos contemporâneos. A simples frequência às aulas-atividade é um fator importante da quebra da solidão e do isolamento de grande parte dos alunos. Isso também serve para derrubar muitos preconceitos, muitos tabus e reverter os papéis sociais que a sociedade tenta impor aos idosos; principalmente, quando se trata do elemento do sexo feminino.

Uma última crítica que, aliás, considero das mais pertinentes é a seguinte: fala-se que não estamos conseguindo fazer com que os alunos possam, a partir daquilo que recebem, estar contribuindo para uma participação maior dentro da comunidade, isto é, formando pessoas

capazes de atuar como agentes comunitários e participar de programas sociais da própria sociedade. Nós acreditamos, entretanto, que na medida em que pudermos contar com os recursos oriundos da Lei 8.842, poderemos ter recursos para trabalhar um pouquinho mais nesse aspecto; para transformar os nossos alunos em agentes comunitários.

Finalmente, queremos colocar que as conquistas da Universidade Aberta podem ser destacadas em dois planos: no plano pessoal e no plano coletivo. No plano pessoal, o destaque é para a possibilidade que as pessoas têm de melhorar a auto-imagem, retomar a auto-estima e obter um relacionamento familiar a um nível mais elevado; o que leva os alunos sempre a falar num reviver, num renascer. No plano coletivo, as Universidades Abertas representam a criação de um espaço de participação, onde o bem-estar com a vida e com a idade passam a ser vividos coletivamente. Ao mesmo tempo, é um espaço de negação do envelhecimento na sua concepção antiga como etapa de perdas, frustrações e falta de perspectivas.

Por último, o espaço oferecido pelas Universidades Abertas possibilita o questionamento da velhice, colocada apenas, num plano de responsabilidade pessoal, tipo “só é velho quem quer”; e para recolá-la como uma questão social coletiva, onde o problema não está nas pessoas,



A Cidade e o Idoso

RAQUEL ROLNIK

URBANISTA; MESTRE PELA FACULDADE
DE ARQUITETURA E URBANISMO DA USP;
DOUTORA EM HISTÓRIA URBANA PELA NEW YORK UNIVERSITY;
COORDENADORA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE URBANISMO DA FAU E DA PUC DE CAMPINAS.

**O espaço urbano sofreu
profundas modificações estruturais ao longo da história.
Na sociedade moderna os lugares privados,
no interior das residências, foram ampliados,
favorecendo o isolamento.
Enquanto que os espaços públicos
foram se tornando apenas vias de passagem de veículos e pedestres,
dificultando a convivência e o lazer.
Tal quadro é danoso, principalmente, aos deficientes e aos velhos.**

A questão do idoso é como um sininho batendo em minha cabeça. Cada vez, vejo mais velhos precisando encontrar um espaço melhor, uma vida melhor; infelizmente, o urbanismo neste país e nesta cidade, particularmente, não acumulou absolutamente nada sobre esse assunto. O resultado disso é que é muito fácil perceber como nossa cidade ignora a existência de pessoas idosas; assim como ignora também a existência das crianças e a de qualquer forma de inserção na vida que não seja produtiva 24 horas por dia. São muito poucas as pessoas dessa cidade que, efetivamente, conseguem suportar o estresse e a tensão do cotidiano.

Esta cidade, infelizmente, nega o idoso; não tem um espaço agradável; não é um lugar da cidadania. Enfim, podemos ficar horas e horas criticando a maneira como é organizada a cidade de São Paulo. Gostaria de pensar na possibilidade de contribuir para fazê-la uma cidade diferente. Sou daquelas pessoas teimosas que acreditam que o mundo não acabou; que a história não está terminada; e que não é preciso nos conformarmos em viver nesse espaço. Ele pode ser transformado; deve ser transformado. A possibilidade de transformação está em nossas mãos, e não fora do nosso alcance.

Para entender como podemos reverter o que aconteceu com o espaço urbano, é necessário conhecer a história de como chegamos a esse ponto. Talvez,

nessa história, consigamos perceber em que momento ultrapassamos certo patamar, ou certo umbral de possibilidade de convívio, de espaço democrático e, sobretudo, de algo que costumo chamar de generosidade do espaço da cidade; um espaço que possa oferecer para as pessoas, mais do que o que possuímos hoje. Sentimos que, hoje, vivemos em uma cidade vampira; que chupa toda a nossa energia, o nosso tempo, a nossa criatividade, dando em troca muito pouco.

Começo com a imagem do cárcere privado, onde são mantidas pessoas idosas em um ambiente de maus tratos, denunciados pelo "SOS IDOSO", e que considero muito forte. Chego à conclusão que, na verdade, todos nós estamos quase que mantidos em cárcere privado, num sentido mais metafórico, não direto. Estamos confinados dentro de espaços fechados, segregados e protegidos com portas, grades e controles. Estamos destinados, involuntariamente, a viver nesses espaços; quando não é dentro da casa, dentro do condomínio, dentro do apartamento num edifício, é dentro do carro com os vidros fechados e tudo trancado: o que dá mais ou menos na mesma; ou seja, um cárcere privado no sentido de um espaço absolutamente cortado da possibilidade de contatos com o exterior, e da riqueza que é poder trocar com o outro; de poder conviver e de poder aprender.

Sabemos que é da própria natureza da cidade ser um lugar de trocas, um lugar onde as diferenças se encontram; e, a partir do encontro dessas diferenças e dos diferentes saberes, poder acontecer aquela sinergia, aquela possibilidade de criação e de superação do conhecimento, que só pode ocorrer no momento em que coisas diferentes entram em contato. A partir daí pode-se criar, pode-se pensar e avançar na ciência, na técnica e na arte. A natureza da cidade é o encontro. A natureza do encontro é a existência da diversidade, o encontro das diferentes faixas etárias, dos diferentes grupos sociais, das diferentes etnias, das personalidades etc.

A idéia do encontro das diferenças é, exatamente, aquilo que está sendo impossibilitado nesta cidade. Vivemos confinados em nós mesmos, ou com outros iguais a nós mesmos, dentro de um condomínio fechado, só entre iguais; ou dentro de um grupo fechado, só de Terceira Idade.

Por que chegamos a esse ponto? Porque estamos sendo obrigados por circunstâncias de violência do trânsito, de criminalidade, de dificuldades de deslocamento, de falta de espaços públicos seguros e agradáveis, a viver dessa maneira, negando assim a possibilidade do encontro e da troca, ou seja, a possibilidade do crescimento.

Podemos ver isso muito rapidamente, de um ponto de vista mais micro,

como a história da casa na cidade; e de um ponto de vista mais macro, como o espaço da cidade de São Paulo foi se organizando ao longo do tempo. Do ponto de vista micro, se tomarmos a São Paulo da metade do século XIX, quando era uma cidade de 30 mil habitantes, constatamos que todas as casas estavam em alinhamento direto para a rua; não havia dentro da casa um espaço como a sala de visitas, um espaço semipúblico para receber quem não era da família. A totalidade dos encontros sociais se dava na rua e nas praças. Evidentemente, isso excluía as mulheres. As mulheres brancas, as senhoras, ficavam dentro de casa na produção doméstica, no comando dos seus escravos e com os filhos atrás das gelosias. O espaço de encontro dos homens, o espaço social dos homens era a rua, a praça, o espaço público. Ao mesmo tempo, o espaço público era o local do exercício de profissões, do barbeiro, do ferreiro etc.

Ainda hoje acontecem alguns resquícios desse tipo. O amolador de facas é um tipo que ficou. Muitas profissões ocorriam na rua e muitas atividades de venda, também. Quando nos assustamos hoje com os camelôs que invadem a cidade, deveríamos saber que o comércio da cidade começou na rua, através das banquinhas, dos carroceiros, dos vendedores, que saíam oferecendo seus produtos de porta em porta. O que havia nessa época era uma utilização intensa



do espaço da rua e um uso restrito do espaço doméstico. O espaço interno da casa era, basicamente, um espaço para dormir ou para descansar; por isso o quarto era a alcova; um lugar sem janelas, escuro, todo fechado, com uma cama; uma espécie de gaveta escura para dormir.

A partir do final do século XIX, entrando no século XX, aumentam-se os espaços internos e os de intimidade da casa, num movimento paralelo à diminuição dos espaços de convívio e de “mistura” na rua. A casa vai se sofisticando; ganha sala de visitas, sala íntima. O pedaço dos dormitórios não é mais a alcova, é um dormitório. Do dormitório passamos para a suíte e depois para a suíte com ante-sala, de tal maneira que os espaços, onde ficamos solitários, aumentam; e os espaços, onde nos encontramos com outras pessoas, diminuem ou ficam separados por algum crivo de seleção, impedindo que haja uma mistura com qualquer um. Por exemplo, a sala de visitas é um espaço da casa meio público; mas não é qualquer público que entra na sala de visitas, somente aquele que já foi selecionado pelo portão ou, mais recentemente, pela guarita, pelo outro portão, pelo elevador, pela chave, pela porta e pela campainha.

Cada vez mais estamos criando essas muralhas visíveis, sem falar das invisíveis, que separam determinados espaços através de legislação e de outros

mecanismos. Muralhas invisíveis como quando atravessamos de um bairro para outro e dizemos: “Opa! não posso passar dessa rua, porque dali para lá já é outra coisa”. Não tem nenhum sinal, nenhuma placa, nenhuma fronteira. Mas sabemos que essas muralhas também existem.

O que foi acontecendo durante esse processo é que, à medida em que os espaços íntimos foram ficando cada vez mais protegidos e sofisticados, a família foi se fechando cada vez mais dentro deles e, ao mesmo tempo, também foi se reduzindo. A unidade doméstica era uma espécie de família extensa com agregados, sobrinhos e empregados. A relação com os empregados foi se formalizando, se assalariando, e a família se transformando cada vez mais em família nuclear, de tal maneira que hoje, dentro da casa cabe pai, mãe e filhos. Não é à toa que a avó ou a tia sobram.

Na verdade, todo o desenho do espaço da casa e toda a legislação urbana, que diz como as casas devem ser, são pensados apenas com base na família nuclear: casal e filhos. Não se leva em consideração a possibilidade de outros arranjos como, por exemplo, várias pessoas, sem vínculo de parentesco, compartilhando o mesmo espaço e pagando as mesmas contas. Excluem-se, portanto, uma república de jovens estudantes, uma mulher e os filhos com outra mulher e os filhos; não são aceitos outros arranjos sem as características da família nuclear.

A contrapartida desse processo de transformação é, claramente, um processo de empobrecimento do espaço interior; embora, contraditoriamente, ele apareça como um espaço de sofisticação; pois estão entrando muitas coisas dentro da casa: o microondas, o freezer, o "home theater", o computador. Enfim, toda essa parafernália que, aparentemente, é um enriquecimento do espaço doméstico. Na verdade, todos esses instrumentos são agentes do isolamento. Então o cárcere privado foi sendo construído ao longo desse século, de tal maneira que acabamos sozinhos dentro de um espaço que nos protege do encontro e da possibilidade de troca com os outros por intermédio das várias muralhas. Ficamos destinados a viver só, na base da troca virtual, com a parafernália eletrônica que nos cerca e que não resolve nosso problema básico: o da convivência para o crescimento e para a felicidade.

A contraparte da história do espaço doméstico é a triste história da rua. Na medida em que vão sendo retirados da rua todos os espaços de convivência, todas as formas de sua utilização, que não sejam estritamente para circulação, ela vai sendo percebida como local de passagem; passagem para máquinas e meios de transporte cada vez mais velozes. Assim, passamos da carroça para o bonde; e

do bonde para o ônibus e para os automóveis. O espaço público foi se tornando cada vez mais exclusivo para os automóveis e circulação, minimizando-se como um espaço múltiplo de utilização produtiva e não-produtiva, de troca etc.

Na verdade, esse processo todo acabou com a generosidade de nossos espaços urbanos. Podemos perceber que, se de alguma forma quisermos resgatar a possibilidade do convívio na cidade, teremos que repensar, seriamente, sobre esse paradigma de sua organização.

É possível repensar esse paradigma de organização da cidade? Sim. Por exemplo, revendo a legislação que determina espaços domésticos, que são desse jeito, e que não permitem outros arranjos; ou aquela que determina uma política de transporte e de uso do solo, que privilegia a circulação do automóvel, em detrimento do uso do espaço público; ou da rua para outras funções. Se foi possível fazer uma política que provocou isso tudo, é possível fazer uma política urbana que desfaça isso, e consiga restabelecer a possibilidade de construção de um espaço mais democrático, mais plural e, portanto, mais generoso para todos nós; inclusive para aqueles que, por limitações físicas e sociais, estão ainda à margem da convivência que deveria existir na cidade.







CONSELHO
REGIONAL DO
SESC
DE SÃO PAULO

Presidente
Abram Szajman

Membros Efetivos: Aldo Minchillo, Antonio Funari Filho, Carlos Alberto Ferraz e Silva, Cícero Bueno Brandão Júnior, Eduardo Vampré do Nascimento, Ivo Dall'Acqua Júnior, João Pereira Góes, Juljan Dieter Czapski, Luciano Figliolia, Manuel Henrique Farias Ramos, Orlando Rodrigues, Paulo Fernandes Lucânia, Pedro Labate, Ramez Gabriel, Roberto Bacil. Suplentes: Alcides Bogus, Amadeu Castanheira, Arnaldo José Pieralini, Dauto Barbosa de Sousa, Fernando Soranz, Henrique Paulo Marquesin, Israel Guinsburg, Jair Toledo, João Herrera Martins, Jorge Sarhan Salomão, José Maria de Faria, José Rocha Clemente, José Santino de Lira Filho, Roberto Mario Perosa Junior, Valdir Aparecido dos Santos. Representantes junto ao Conselho Nacional. Efetivos: Abram Szajman, Euclides Carli, Raul Cocito. Suplentes: Olivier Mauro Viteli Carvalho, Wallace Garroux Sampaio, Manoel José Vieira de Moraes. Diretor do Departamento Regional: Danilo Santos de Miranda.



5º CONGRESSO MUNDIAL DO

LAZER

5th WORLD CONGRESS

LEISURE

5º CONGRESO MUNDIAL DE

TIEMPO LIBRE

SÃO PAULO BRASIL

26 - 30 OUTUBRO

OCTOBER/OCTUBRE

1998